

OS GÊNEROS TEXTUAIS E O ENSINO SIGNIFICATIVO: BASES PARA O PROCESSO DE LETRAMENTO

Valquíria Gomes Duarte
Graduanda do 8º período– UERN
Bolsista do PET/Pedagogia

Alexsandra Maia Nolasco de Castro
Graduanda do 8º período– UERN
Bolsista do PIBIQ/CNPq

Micaela Ferreira dos Santos Silva
Graduanda do 8º período– UERN
Bolsista do PET/Pedagogia

Resumo:

Este estudo foi proposto na disciplina de Alfabetização e Letramento em conjunto com a Prática Pedagógica Programada – PPP3 ofertadas no 4º período do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – FE/UERN, quando na oportunidade visitamos a Escola Estadual José de Freitas Nobre localizada no município de Mossoró-RN. O trabalho objetiva refletir sobre a atuação docente para o ensino da leitura e da escrita de forma significativa, como também, discutir a como os alunos avaliam esta prática durante o processo de ensino- aprendizagem. O estudo fundamenta-se no levantamento bibliográfico em: Biasi-Rodrigues (2008), Charlot (2000), Santos e Albuquerque (2005), Therrien (2004) e pesquisa de campo através de entrevistas com 50% dos alunos do 4ºano em uma escola pública estadual e com a professora, além da observação indireta na sala de aula ao acompanhando a prática desta profissional. Os resultados mostram-nos que a utilização de textos reais do cotidiano do aluno na prática do professor, ajuda na efetivação do ensino-aprendizagem, facilitando para a atribuição de sentido pelo discente tornando a aula mais prazerosa e produtiva. Na avaliação realizada pelos alunos, estes consideram fundamental à interação entre o professor e o educando, pois argumentam que esta proximidade ajuda no processo de aquisição do saber. Portanto, concluímos que o ensino-aprendizagem da leitura e da escrita se tornará mais eficaz quando a prática docente voltasse para o ensino que leve em consideração os gêneros textuais conhecidos pelos educandos e, posteriormente, transportar esse saber para os outros gêneros que ainda são pouco utilizados socialmente.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Escrita. Aprendizagem Significativa.

INTRODUÇÃO

A aprendizagem da leitura e escrita da maioria dos estudantes do ensino fundamental I é um fator que preocupa vários educadores brasileiros. Há uma grande quantidade de alunos que chegam ao final do 5º ano e não dominam a leitura e a escrita com autonomia e competência. As avaliações anuais externas, como a “Prova Brasil” mostram que o número de alunos analfabetos ainda continua elevado.

Neste estudo, pretendemos relatar as experiências da Prática Pedagógica Programada - PPP¹ III, ofertada no 4º período do curso de pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – FE/UERN. Para a realização deste, foi-nos proposto uma visita a Escola Estadual José de Freitas Nobre localizada na zona leste do município de Mossoró/RN, para observar e refletir acerca da prática docente no seu ambiente de trabalho, tendo como culminância a realização deste artigo.

A visita foi realizada numa sala de 4º ano no turno vespertino. O ensino fundamental I nesta instituição escolar é, primordialmente, realizado no horário da manhã. Mas essa turma teve que ser dividida e transportada para o turno posterior, devido o elevado número de alunos permitido e adequado por sala. Com a divisão da turma, a referida sala continha 16 alunos e uma docente. Para a realização da pesquisa passamos um período de 10 dias para a concretização da observação e das entrevistas. A entrevista contemplou 50% da turma (8 alunos) e a professora da sala. Em respeito aos princípios éticos da pesquisa, optou-se por manter a identidade dos sujeitos (alunos e professora) reservada, onde serão utilizadas as siglas iniciais dos nomes dos participantes deste estudo.

Este trabalho está dividido em duas partes, sendo a primeira: Ensino significativo na aquisição da leitura-escrita: realidade possível? E o segundo: O ensino da leitura e da escrita na percepção dos alunos. Para o primeiro ponto, discorreremos sobre a importância do ensino significativo para a aquisição da leitura e da escrita pelos alunos tendo como referência a prática pedagógica da professora M.A.P. No segundo momento, mostraremos a avaliação dos alunos sobre a prática da docente, como também sugestões dos educandos para um ensino-aprendizagem da leitura e da escrita mais eficiente.

Portanto, a conclusão deste estudo aponta para o ensino da leitura e da escrita tendo como metodologia a inserção dos gêneros textuais, como alternativa para um ensino-aprendizagem mais significativo. Além disso, podemos ainda afirmar que o afetivo do aluno também contribui para a aquisição deste saber.

ENSINO SIGNIFICATIVO NA AQUISIÇÃO DA LEITURA-ESCRITA: REALIDADE POSSÍVEL?

A Prática Pedagógica Programada – PPP, é um componente obrigatório do currículo do curso de Pedagogia – FE/UERN, ofertada no 2º, 3º e 4º período, onde realizamos visitas às escolas estaduais, municipais ou particulares do município de Mossoró, tendo como objetivo a aproximação dos graduandos com o seu possível campo de trabalho. Vale ressaltar que os novos currículos para o curso de Pedagogia estão abrindo novas possibilidades de atuação do pedagogo, sendo a escola uma possibilidade e não uma predestinação.

Muitos estudos da educação citam o ensino significativo como uma alternativa para uma aprendizagem mais eficiente e prazerosa e este termo é frequentemente utilizado por professores de todos os níveis de ensino. Mas, o que será “o ensino significativo”. Mostraremos e explicaremos este ensino a partir da entrevista realizada com a professora, em que esta ao ser perguntada sobre a sua metodologia, cita o ensino significativo como instrumento metodológico para a efetivação de um ensino eficiente.

Quando indagamos a docente M.A.P acerca do ensino da leitura-escrita e a atuação docente como mediador desse processo, esta expôs sua preocupação em relação a “um ensino que motive o aluno a estudar, a querer aprender”. Esta motivação citada pela docente, segundo alguns teóricos está relacionada a um ensino significativo, onde este encontre sentido e utilidade no que está aprendendo. De acordo com Santos e Albuquerque (2008), só será possível a aprendizagem da leitura e, conseqüentemente, da escrita quando o aluno encontrar sentido para esta prática. Um dos meios apresentados pelas autoras para o ensino significativo da leitura e escrita foi a utilização de textos autênticos, textos reais que faz parte do cotidiano dos alunos, ou seja, gêneros textuais. Conforme as autoras citadas, estas argumentam que:

Ao se ler ou escrever um texto, tem-se a intenção de atender a determinada finalidade. E isso que faz com que a situação de leitura e escrita seja real e significativa. Portanto, ao se ler ou escrever um texto em sala de aula, deve-se objetivar uma finalidade clara e explícita para os envolvidos na situação de leitura ou produção. (Idem, p.97).

Um comentário de Charlot (2000) confirma a importância de haver na aula do professor, relação com o contexto social do aluno para que haja sentido para este. “Não há sujeito de saber e não há saber senão em uma certa relação com o mundo, que vem a ser, ao mesmo tempo e por isso mesmo uma relação com o saber”(Idem, p.05). Muitos professores ministram suas aulas mecanicamente, sendo esta de pouco interesse dos alunos. É ensinada aos discentes a classificação tradicional dos gêneros (narração, descrição e dissertação), como se fossem gêneros textuais. Essas formas tradicionais, segundo Rodrigues (2008), são ensinadas ao aluno de forma separada, e com isso deixa-o confuso na sua utilização, pois é praticamente impossível existir um tipo de texto sem que os outros tipos estejam presentes direta ou indiretamente.

Santos e Albuquerque (2008) afirmam que o ensino da leitura-escrita somente será efetivado se houver o interesse dos alunos e, para isso, propõem a utilização do gênero textual como alternativa metodológica. Mas, o que seriam os “Gêneros Textuais”.

Os Gêneros Textuais, de acordo com Rodrigues (2008) são práticas sociais de interação que atendem aos propósitos comunicativos e que:

Variam de acordo com cada situação comunicativa e com as convenções estabelecidas nas diferentes comunidades discursivas. Estas criam seus gêneros próprios para efeitos comunicativos específicos ou se apropriam de outros já constituídos sócio-historicamente, como é o caso da carta que é largamente usada nos mais diversos contextos. (Idem, p.38).

No entanto, para se trabalhar o gênero textual na sala de aula, deve-se levar os alunos, primeiramente, a dominar o gênero para melhor conhecer, compreender e usá-lo de forma autônoma e competente. E em segundo lugar, é preciso desenvolver capacidades que ultrapassem o gênero e que possam ser transferidas para outros gêneros (Rodrigues, 2008 apud Schneuwly e Dolz, 2004). Conforme Rodrigues (2008) os professores contam com o apoio dos livros didáticos para a sua prática pedagógica e, atualmente, a maioria desses livros vem apresentando propostas de atividades orientadas pela nova concepção de gênero textual, em que adotam a abordagem de Bakhtin (caracteriza os gêneros em três elementos: Conteúdo, Construção Composicional e Estilo) nos PCN de Língua Portuguesa e a indicação de alguns gêneros para a prática de produção de textos, leitura e escuta. No entanto, há lacunas nas propostas de atividades de produção que precisam ser preenchidas pelo professor.

De acordo com a observação feita no 4º ano do ensino fundamental da escola E.M.J.F.N., a professora M.A.P., ao orientar, conforme o livro didático, a criação de um cartão para um amigo, não se preocupou em fazer com que o aluno refletisse sobre os elementos necessários para a elaboração do mesmo. Dessa forma, a professora fez a “leitura” do cartão, conforme o do livro didático e em seguida reproduziu o cartão na lousa, através do seguinte enunciado:

Português

- Vamos construir o cartão com a mensagem a seguir, a imagem fica a critério do aluno.

QUADRO 1:

“Paulo, A galera toda está comemorando sua vitória. Andréia
--

Essa atividade não oportunizou o aluno a compreender e refletir acerca do gênero, pois as crianças simplesmente transferiam as informações da lousa e a escreviam em papel sulfite. Essa atividade teria mais significado para as crianças, se a professora tivesse trabalhado bem os gêneros em sala de aula, analisando-os, mostrando suas características linguísticas, formas de organização, situações de utilização, regras e normas e, posteriormente, ao entenderem a estrutura do gênero solicitado, criariam diversos cartões em que os alunos escolheriam as pessoas a qual desejariam remetê-los. Para a confecção do cartão seria adequado que a docente estimulasse a criatividade e autonomia do aluno, deixando livre a escrita e ornamentação do cartão.

Quando os alunos não veem sentido na aula, realiza-a apenas para atender objetivos momentâneos. Na PPP III, podemos observar que alguns alunos estudam não por se verem realmente interessados pela aula, mas sim para atingirem boas notas, ou passem de ano. Através da entrevista, a aluna T.S.A. diz que é importante aprender a ler e escrever: “Pra no dia da prova você fazer e passar”; e o aluno B.C.F. mantém o mesmo pensamento e diz que “Quando a pessoa faz uma prova ela precisa saber ler e escrever se não a gente não vai passar pra outro ano”. Segundo Charlot (2000), esse saber adquirido pelo aluno é frágil, pois este não vê relação com o mundo. “Nesse caso também, a apropriação do saber não é acompanhada pela instalação em uma forma específica de relação com o mundo e não surte quase nenhum efeito na formação, nem, tampouco, de ‘transferência’.” (Idem, p.5).

Assim, para Charlot (2000), esse tipo de apropriação adquire significado em outro sistema de sentido, pois não é seguida pela acomodação em uma forma específica de relação com o mundo e não surte quase nenhum resultado na formação. O autor citado reforça essa ideia ao falar que “de maneira geral, muitos alunos instalam-se em uma figura do aprender que não é pertinente para a aquisição de saber e, portanto, para ter sucesso na escola”. Nessa esfera, Vygotsky (1989) *apud* Mendonça (2008), diz que um princípio fundamental é a compreensão da aprendizagem não como transferência de saberes, neutra e linear, mas como um processo dinâmico de (re) construção e (re) acomodação de conceitos, mediado pelos interlocutores e também pela linguagem.

Conforme as ideias de Charlot (2000), as crianças buscam “aprender”, para alcançarem certa independência, para tornar-se “alguém”. Desde algum tempo, a sociedade

vêm exigindo um sucesso na escola, como pré-requisito para o indivíduo conseguir alcançar seus objetivos profissionais. Dessa forma, com o sucesso escolar, o indivíduo produz certa segurança, e caso contrário, com o fracasso escolar, é causado, nas relações consigo mesmo, grandes estragos. O aluno E.A.L. pode comprovar esta afirmativa quando responde qual a importância de aprender a ler e escrever: “Se a gente não aprender não vai ter como a gente trabalhar nunca, ter um emprego bom.”

A utilização de gêneros na sala de aula, no ensino da leitura e da escrita, segundo Rodrigues (2008), propicia aos discentes situações reais de interação sócio comunicativa, pois quando se trabalha os diferentes gêneros com os estudantes, estes veem significado, adquirem sentido naquilo que estão aprendendo e realizando, principalmente quando o professor promove situações reais de utilizá-los no seu cotidiano.

Foi possível perceber esta situação na sala de aula observada, pois a professora ao trazer textos que faziam parte do cotidiano dos alunos, como por exemplo: a tabela dos jogos da copa (a observação foi realizada no período da copa), os mesmos se motivaram a participar da aula trazendo questionamentos, colocando suas interpretações e conceitos sobre o gênero em análise, como também confiança para responder as atividades mimeografadas pela docente. Deste modo, a metodologia da Professora M.A.P. em utilizar a tabela dos jogos da Copa do Mundo, mostrou a autonomia e flexibilidade do saber docente.

Para além da instrução, o professor é responsável pela formação dos seus alunos. Nesse sentido, a matéria passa ser um instrumento da realização do trabalho docente, muito mais que sua finalidade maior. Portanto, no planejamento de sua ação e em sua atuação efetiva em sala de aula, o docente faz ajustamentos e adaptações sobre a matéria a ser ensinada, apoiado nos múltiplos olhares do seu reservatório de saberes e da heterogeneidade de suas fontes sociais de aquisição. (THERRIEN, 2007. p.09).

A utilização de textos reais do cotidiano do aluno na sala de aula é significativa no processo de letramento deste, como foi possível percebermos na prática da professora observada, pois quando a criança aprende algo que possa subsidiá-la em suas práticas cotidianas de atividades onde é necessário o uso da linguagem, seja-a oral ou escrita, essa aprendizagem torna-se prazerosa para o aluno, tornando-o cidadão crítico e autônomo e coprodutor de seus próprios textos.

O ENSINO DA LEITURA E DA ESCRITA NA PERCEPÇÃO DOS ALUNOS

Através das entrevistas realizadas com 50% dos discentes (8 alunos) do 4º ano do ensino fundamental I, da Escola Municipal Professor José de Freitas Nobre, foi possível analisarmos que, de modo geral, a opinião dos alunos são semelhantes sobre a maneira em que a professora M.A.P. trabalha o ensino da leitura e escrita.

Apesar da classe observada ter um número, relativamente, reduzido de alunos, a maioria dos alunos entrevistados (6 alunos) elogiaram a prática da professora, porém sentiam falta de uma maior proximidade no momento que ministrava a aula. A aluna M.S.C. demonstra isso quando responde como gostaria que a professora ensinasse-os a ler e escrever: “Eu gostaria que ela fosse em cada mesinha ensinando a cada um, ela juntando as palavrinhas e os alunos lendo”. A fala do aluno E.F.S. pode consolidar essa afirmação: “Me ensinando, indo na minha cadeira, na minha mesa”.

Os autores Mamede, Therrien e Loiola (2007), mostram-nos que é necessário a interação entre professor, aluno e o saber, pois o educando, assim como o docente, sentem-se mais seguros no processo de ensino-aprendizagem. “A complexidade dos processos de interação nas situações de ensino aprendizagem, onde se destaca a subjetividade do aluno e a multiplicidade de saberes, impõe um intenso diálogo entre os polos citados (o docente, os alunos e a matéria de ensino)”.

A afetividade é estudada por alguns teóricos, como Freire (2000) sendo-a fundamental para a prática educativa. Dessa forma, conforme os autores supracitados e o resultado da entrevista com os alunos, a interação entre professor e aluno, no âmbito escolar, faz-se crucial para um ensino/aprendizagem mais satisfatório.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, podemos concluir que é fundamental a alfabetização e letramento, ou seja, a aquisição do sistema alfabético e compreensão reflexiva sobre sua leitura, a partir dos gêneros textuais. O ensino da leitura e escrita através dos gêneros, facilitará o ensino/aprendizagem dos alunos, pois os educandos utilizarão textos que fazem parte do seu cotidiano, a qual atenderá as finalidades comunicativas que se apresentem no seu dia-a-dia tanto dentro ou fora da escola.

Quando o aluno atribui sentido ao ensino, isso facilita a aprendizagem e motivação do mesmo. Segundo Charlot (2000), a apropriação do saber tem que ter relação com o mundo

que lhe dê um sentido específico e adquira sentido em outro sistema de sentido. Portanto, quanto mais o aluno atribuir sentido ao ensino, mais ele aprenderá.

A partir da avaliação que os alunos têm sobre a prática da docente, percebemos que estes sentiam falta de uma proximidade da professora no momento do ensino, na qual esta deveria ir, individualmente, em cada aluno, explicando, ensinando a ler e a escrever. A participação da professora no auxílio das atividades, de forma individual, segundo os alunos, facilita para a sua aprendizagem.

Contudo, foi possível apreender durante a observação nesta sala de aula do 4º ano do ensino fundamental, que para haver o ensino/aprendizagem, precisa-se tanto de um ensino significativo, como também, a interação entre o professor e o aluno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Tradução de Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000. p. 59-76.

MAMEDE, M. A. TERRIEN, J. e LOIOLA, F. A. **Trabalho Docente e transformação pedagógica da matéria: Alguns elementos da gestão dos conteúdos no contexto da sala de aula 1**. XVI EPENN. Artigo, Aracajú, 2003.

MENDONÇA, Márcia. Gêneros: Por onde anda o letramento. In: PONTES, Antônio Luciano. COSTA, Maria Aurora Rocha. **Ensino de língua materna na perspectiva do discurso: uma contribuição para o professor**. Fortaleza. Ed. Demócrito Rocha, 2008.

PONTES, Antônio Luciano (org). COSTA, Aurora Rocha (*org*). **Ensino de língua materna na perspectiva do discurso: uma contribuição para o professor**. Fortaleza: Edições Democrático Rocha, 2008.

RODRIGUES, Bernardete Biasi. A abordagem dos gêneros textuais no ensino da Língua Portuguesa. In: PONTES, Antônio Luciano. COSTA, Maria Aurora Rocha. **Ensino de língua materna na perspectiva do discurso: uma contribuição para o professor**. Fortaleza. Ed. Demócrito Rocha, 2008.

SANTOS, Carmi Ferraz. **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**, Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SANTOS, Carmi ferraz. ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. Alfabetizar Letrando. In: PONTES, Antônio Luciano. COSTA, Maria Aurora Rocha. **Ensino de língua materna na perspectiva do discurso: uma contribuição para o professor**. Fortaleza. Ed. Demócrito Rocha, 2008.